

Nova política permite a queda do juro

Concretização da expectativa depende, porém, do ajuste fiscal

Vicente Nunes e Mônica Izaguirre
de Brasília

O alargamento e a mudança no ritmo de atualização da banda cambial têm como objetivo principal abrir espaço para a queda das taxas de juros, disse o novo presidente do Banco Central, Francisco Lopes. "A flexibilidade que estamos dando ao câmbio potencializa a redução", afirmou ele, acrescentando, porém, que isso não é suficiente. Mesmo com o novo regime, a queda dos juros continua dependendo, segundo Lopes, da resposta que o Congresso dará na votação do ajuste fiscal.

Dependendo do avanço que for obtido no Congresso, o BC poderá até ser mais ousado na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para dia 27, disse Lopes. "Mas essa ousadia não impedirá que o BC seja cuidadoso, ou medroso, como já nos chamaram vários analistas", afirmou.

O novo presidente do Banco Central contou que foi o desejo do presidente Fernando Henrique Cardoso e de toda a sociedade brasileira de que as taxas de juros sejam reduzidas, que levou à flexibilização da política cambial. Mas ele fez questão de ressaltar que o BC não se intimidará em aumentar novamente as taxas de juros se houver necessidade de o governo defender o real contra novos ataques especulativos. Ele lembrou que, além da política monetária, o BC dispõe ainda de US\$ 45 bilhões em reservas cambiais, incluindo os quase US\$ 10 bilhões emprestados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), para preservar o câmbio e manter a estabilidade econômica.

Lopes explicou que o espaço para queda de juros será decorrente da

desaceleração do ritmo de desvalorização cambial, após absorvido o impacto inicial de alargamento da banda, que causou ontem uma forte alta das taxas no mercado futuro. Quanto menor for a evolução da taxa câmbio, mais baixo pode ser o piso dos juros necessário à atrair capitais, pois menor é a parcela da remuneração consumida pela desvalorização do dólar na hora de reconverter e mandar os recursos de volta ao exterior.

O novo presidente do BC acrescentou que uma faixa mais flexível de flutuação do câmbio tende a melhorar a qualidade dos capitais que vem para o país, pois torna o ambiente menos propício aos capitais especulativos de curto prazo. Justamente por ter sua remuneração mais afetada pela variação cambial no curto prazo, os capitais

especulativos correm mais risco quando o intervalo de flutuação aumenta. Francisco Lopes aproveitou a ocasião para reconhecer, "com toda a humildade", que foi "um erro" do BC adotar medidas para facilitar a entrada de capitais especulativos de curto prazo após a crise da Ásia, no fim de 1997. Em função da sua volatilidade, esses recursos só criaram mais instabilidade inchando artificialmente as reservas cambiais.

O presidente Fernando Henrique Cardoso e ministro da Fazenda, Pedro Malan, reforçaram os efeitos da mudança no câmbio nas taxas de juros. "Há espaço para a queda dos juros tanto ansiamos, afirmou o presidente. "As mudanças são estratégicas para a flexibilização do câmbio, de forma que o governo possa ter escopo para um eventual

declínio das taxas de juros", disse Malan. "Mas isso não é tudo", destacou o ministro. "A velocidade com que as taxas de juros domésticas cairão dependerá do nosso empenho, firmeza e determinação em perseguirmos o Programa de Estabilidade Fiscal (PEF)", afirmou.

"Estamos cumprindo os objetivos na área fiscal aos quais nos propusemos", acrescentou o ministro, num claro recado aos investidores internacionais, que, por desconfiança na capacidade de o País cumprir as metas fiscais do acordo com o FMI, não param de retirar dinheiro do Brasil. Na tentativa de mostrar

serenidade, num dos momentos mais difíceis enfrentados pela economia brasileira, o ministro da Fazenda garantiu que a meta do governo central de fechar o ano passado com superávit primário

(sem as despesas com juros) de R\$ 5 bilhões foi cumprida, assim como a promessa de redução do déficit nominal (que leva em conta os juros da dívida).

O governo, na avaliação de Francisco Lopes, será muito beneficiado pela queda dos juros, pois terá uma grande economia nos gastos com a dívida pública. Ele não quis, no entanto, dimensionar qual será a redução dos gastos com juros, até porque, nesse primeiro momento, será de pelo menos 9% o impacto, para cima, no custo da parcela da dívida pública atrelada ao câmbio. Dos R\$ 290 bilhões da dívida mobiliária (em poder do mercado), 21% são corrigidos pela variação cambial, ou seja, os R\$ 60,9 bilhões foram acrescidos, da noite para o dia, em R\$ 5,4 bilhões.■

**Redução das
taxas será
decorrente da
desaceleração
do ritmo de
desvalorização**